

Projeto Passagem do Meio: qualificação de alunos negros de graduação para pesquisa acadêmica na UFG*

JOAZE BERNARDINO-COSTA**

Resumo: O presente texto é um relato do projeto Passagem do Meio, que foi desenvolvido entre 2002 e 2004 na Universidade Federal de Goiás. Trata-se, portanto, do relato de um projeto de ação afirmativa para estudantes negros, que integrou a rede de projetos do Programa Políticas da Cor na Educação Brasileira, do Laboratório de Políticas Públicas da Uerj. Neste texto, procuramos descrever: (a) como este projeto foi concebido; (b) como foram feitas as seleções dos estudantes negros integrantes do projeto; (c) como foi o desempenho deles; (d) quais as adversidades enfrentadas pelo próprio projeto e pelos estudantes; (e) qual o resultado do projeto.

Palavras-chave: ação afirmativa; universidade federal; estudantes negros.

O Projeto Passagem do Meio: Qualificação de Alunos Negros de Graduação para Pesquisa Acadêmica na UFG fez parte de uma das 27 propostas aprovadas no Concurso Nacional Cor no Ensino Superior, do Programa Políticas da Cor na Educação Brasileira (PPCor) do LPP-Uerj, financiado pela Fundação Ford. Lançado no segundo semestre de 2001, esse concurso previa a seleção e o financiamento de propostas apresentadas por organizações governamentais e não-governamentais, associações comunitárias, sindicatos, movimentos sociais e instituições de ensino superior brasileiras que visassem “ampliar as condições de acesso e/ou permanência de membros dos grupos historicamente

excluídos das instituições de ensino superior brasileiro, especialmente os afro-brasileiros carentes” (Programa Políticas da Cor na Educação Brasileira, 2001).

Uma vez aprovado o projeto, o que tínhamos a fazer era colocar a mão na massa. Inicialmente o projeto – concebido por três professores, três alunos e uma ativista do movimento negro¹ – descobriu e arregimentou mais oito professores que trabalhavam ou já tinham trabalhado ou, até mesmo, tinham simpatia com o tema relações

* Este texto foi escrito em setembro de 2004. Aproveito para dedicá-lo a todos os alunos que transformaram a nossa Passagem do Meio em uma experiência prazerosa e aos professores que fizeram da condução do navio algo mais leve para cada integrante da tripulação. Agradeço aos pareceristas anônimos da revista e aos editores da revista *Sociedade e Cultura* pelo espaço aberto para a publicação dos resultados desta experiência de ação afirmativa na UFG.

** Doutor em Sociologia pela UnB e professor-adjunto do Departamento de Ciências Sociais da UFG. Foi coordenador-geral do Projeto Passagem do Meio. E-mail: joazebernardino@uol.com.br.

1. Conceberam o projeto os professores Joaze Bernardino e Alecsandro Ratts, ambos da UFG, Cleito Pereira (Ifiteg-UCG), os alunos Kênia Costa, Waldemir Rosa e Luciana de Oliveira e Sônia Cleide, ativista da ONG Malunga – Mulheres Negras. Inicialmente, o projeto foi elaborado, portanto, pela UFG e pelo grupo Malunga – Mulheres Negras, porém essa entidade do movimento negro, antes mesmo da seleção da primeira turma em junho de 2002, se desligou da proposta. A motivação para participarmos do Concurso Nacional Cor no Ensino Superior partiu dos estudantes do curso de Ciências Sociais Waldemir Rosa e Luciana de Oliveira, que procuraram a mim e ao professor Alecsandro Ratts, por sermos os únicos professores da universidade que eles conheciam que trabalhavam com relações raciais. À época do concurso, somente eu era professor efetivo da UFG, sendo o agora professor Alecsandro Ratts, bolsista do CNPq. Este se tornaria professor efetivo da UFG, no Iesa, ainda no ano de 2002.

raciais. Destes professores, nem todos se envolveram efetivamente com o projeto, porém três se tornaram fundamentais para o bom funcionamento dele: Marly Silveira, Maria do Carmo Tedesco e Adriane Damascena, esta última tornando-se, posteriormente, coordenadora pedagógica do projeto.

O nome Passagem do Meio ou *Middle Passage*, bastante recorrente na literatura em língua inglesa, é uma alusão à travessia do Oceano Atlântico pelos negros da diáspora. O termo faz alusão a uma travessia marcada pelo sofrimento:

uma das imagens mais fortes da Passagem do Meio (a viagem da África para as Américas) são os navios-negreiros abarrotados [...]. A imagem sem dúvida é familiar [...]. A injustiça e a brutalidade do navio abarrotado são inquestionáveis, o sofrimento e o horror experienciado pelos escravos são inimagináveis. Adicionam-se a essa imagem a falta de dieta apropriada, as condições sem higiene que prevaleceram nos navios, afetando os escravos e a tripulação, assim como a brutalidade que os africanos sofreram nas mãos dos capatazes brancos, e a desumanização da escravidão entendida como uma instituição. (Diedrich, Gates Jr. & Pedersen, 1999, p. 6)

A alusão que fizemos ao *Middle Passage* propõe-se a ir além desse traço comum aos negros da diáspora, o sofrimento, procurando rejeitar as oposições essencializadas entre superiores e inferiores, centro e periferia, sujeitos e objetos. Assim, pensamos no negro como sujeito, que muitas vezes rompe com a sua condição inferiorizada, apesar das condições adversas.

Nesse sentido, o nome do projeto aproveitou as potencialidades da metáfora da Passagem do Meio. Se um dos principais traços dessa metáfora é o sofrimento, não podíamos nos fixar nele, tínhamos de utilizá-lo metaforicamente como um fator de unidade; porém, tínhamos de encontrar a redenção.

No *folder* em que anunciamos a primeira seleção de bolsistas e assistentes de pesquisa do projeto, dizíamos o seguinte:

o nome Passagem do Meio é uma alusão ao trecho mais longo e de maior sofrimento da travessia do Atlântico pelos navios negreiros.

A utilização dessa expressão no contexto das universidades brasileiras, especialmente a UFG, deve-se ao fato de que identificamos a ‘travessia universitária’ como cheia de percalços para os(as) alunos(as) negros(as) carentes. Dentro desta ‘travessia’, o primeiro ano é decisivo, posto que é o período em que o(a) aluno(a) muitas vezes abandona a condição de aluno(a) em tempo integral, constituindo-se num aluno(a) com um perfil não muito adequado às bolsas de PIBIC, PET e monitoria. Assim, as bolsas do Projeto² auxiliarão os(as) alunos(as) neste período que, mesmo não sendo o mais longo, pode ser o de maior dilema para os(as) alunos(as) que queiram se identificar com a vida universitária. (Passagem do Meio, 2002)

Assim, nos apropriávamos da idéia do sofrimento contido na metáfora Passagem do Meio para pensarmos não somente as desigualdades raciais existentes na sociedade brasileira, mas para nos remetermos à trajetória do estudante negro que chega à universidade superando diversas adversidades. Era exatamente este traço – a capacidade de superar as adversidades – que nos interessava. Para a execução do projeto, era preciso trabalhar com alunos negros que, apesar dos percalços na trajetória escolar, tinham potencial para a carreira acadêmica.

Através da seleção de estudantes negros com esse perfil, poderíamos alcançar o principal objetivo do projeto: ampliar, mediante a concessão de bolsas, as possibilidades de permanência dos alunos negros de primeiro e segundo anos na universidade, preparando-os para concorrer pelas bolsas que são oferecidas pela própria universidade: Pibic,³ PET,⁴ Monitoria⁵ e Prolicen.⁶ Além disso, propúnhamo-nos a selecionar assistentes de pesquisa – alunos do final do curso ou recém-formados – para acompanhar os demais alunos e para se preparar com o objetivo de ingressar na pós-graduação.

2. O valor da bolsa nos dois anos do projeto, tanto para alunos do 1º e 2º ano quanto para alunos do último ano ou recém-formados, era de 200 reais.

3. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/CNPq.

4. Programa Especial de Treinamento/Capes.

5. As monitorias são financiadas com recursos do orçamento geral da universidade

6. Programa de Licenciatura (trata-se de uma bolsa para desenvolver pesquisas junto à licenciatura).

Processo seletivo: duas turmas

Realizamos a seleção de estudantes em duas ocasiões, em junho de 2002 e junho de 2003. No primeiro processo seletivo, inscreveram-se 35 candidatos; destes, selecionamos 17 alunos do 1º e do 2º anos e 3 estudantes do final de curso. Os primeiros tinham como missão se prepararem para concorrer às bolsas que a própria universidade oferecia para alunos de graduação, enquanto os últimos, nomeados de assistentes de pesquisa, deveriam – além de auxiliar e incentivar os primeiros – se preparar para ingressar no mestrado.

No segundo processo seletivo, ocorrido em junho de 2003, inscreveram-se 29 candidatos, quando selecionamos 17 estudantes no total: 14 alunos do 1º e 2º anos e 3 alunos do final do curso. Chegamos a 20 estudantes nessa segunda turma, através da renovação de três bolsas para estudantes da turma anterior que não conseguiram obter uma das bolsas que são oferecidas pela própria universidade. Além destes 20 bolsistas da segunda turma, tivemos 8 estudantes que se vincularam ao projeto como voluntários. Portanto, trabalhamos com um total de 28 estudantes no segundo ano do projeto, dos quais apenas 20 eram bolsistas, e 3 destes eram bolsistas pelo segundo ano consecutivo.

Para as considerações que faremos neste texto, consideraremos o total de 45 estudantes: 20 da primeira turma e 25 da segunda turma, pois não contabilizaremos aqueles 3 estudantes que tiveram suas bolsas renovadas.

O primeiro processo seletivo estava aberto a estudantes dos cursos de Ciências Sociais, Geografia, Educação, História e Comunicação, enquanto no segundo estendemos para os cursos de Filosofia, Biblioteconomia, Letras e Matemática (Tabela 1).

O que orientou a definição dessas áreas foi a existência de professores dos respectivos cursos para desempenhar a orientação. No segundo ano do projeto, houve uma ampliação do número de professores e áreas contempladas, o que não significa que houvesse um aumento da participação quantitativa e qualitativa deles. Entre estes bolsistas, 35 pertenciam a cursos diurnos e 10 a cursos noturnos (Tabela 2).

Tabela 1 – Cursos dos alunos do Passagem do Meio

Curso	Quantidade
Ciências Sociais	11
Geografia	10
Comunicação	4
História	9
Educação	4
Filosofia	3
Biblioteconomia	1
Letras	2
Artes (Moda)*	1
Total	45

* Apesar de essa área não ter sido contemplada nas duas seleções, este aluno integrou-se ao projeto como voluntário.

Tabela 2 – Turno do Curso

Diurno	Noturno
35	10

O cartaz que anunciava a seleção dos alunos de 1º e 2º anos dizia que o projeto se destinava a alunos negros carentes, enquanto o que anunciava a seleção dos assistentes de pesquisa afirmava que o projeto se destinava a alunos afro-descendentes carentes. Embora isso tenha sido uma ‘distração’, serviu-nos para indicar que o termo afro-descendente não tem nem a conotação política nem o ‘fardo’ moral da categoria negro. A categoria afro-descendente permite uma associação com uma miscigenação biológica, que mesmo os brasileiros inconfundivelmente brancos – do ponto de vista social – podem utilizar. Ao inverso, a categoria negro tende a intimidar os oportunistas.

Em razão dessa percepção, na seleção da segunda turma utilizamos apenas o termo negro, com o objetivo de restringir os possíveis candidatos entre aqueles estudantes que tivessem traços que os tornassem suscetíveis à discriminação.

Em ambas as seleções, divulgamos que o projeto tinha um corte de gênero – explicita-

mente mencionamos que objetivávamos destinar 50% das vagas às mulheres, índice este que foi superado. A distribuição por gênero, entre os 45 estudantes, se deu da seguinte maneira (Tabela 3):

Tabela 3 – Sexo dos alunos

Masculino	Feminino
17	28

Para se inscreverem, os estudantes tinham de apresentar cópias de documentos pessoais, foto 3x4, comprovante de matrícula, ficha de inscrição preenchida e histórico escolar. Para aqueles que se inscreviam para o cargo de assistente de pesquisa, solicitávamos o *curriculum vitae*. A seleção constituiu um processo simples, baseado apenas na análise do histórico escolar e em uma entrevista, efetuada pelos professores do projeto. Na seleção da segunda turma, acrescentamos uma prova simples sobre um texto de José Murilo de Carvalho, “Cidadania a porrete”, quando solicitávamos respostas às seguintes questões: (1) analise o texto e faça uma interpretação dele; (2) quais os caminhos de superação da realidade descrita no texto “Cidadania a porrete” que têm se desenhado no cenário social brasileiro?

Adicionamos este elemento de avaliação – que não pressupunha uma preparação prévia, uma vez que os candidatos eram de diversos cursos – apenas para termos uma noção da capacidade de interpretação, articulação de idéias, atualidade e preocupação político-social dos candidatos. Esse texto, por si só, não foi utilizado como instrumento para eliminar nenhum candidato, sendo somente mais um instrumento para enriquecer o processo seletivo.

A seleção foi pautada pelos seguintes princípios: o candidato a ser beneficiado teria de ser identificado pela banca como negro e teria de apresentar potencial e interesse acadêmico. Além disso, o candidato tinha de ser “adequado” ao perfil exigido pelo edital do Pibic, portanto, não podia ter reprovações ou média final inferior a 6.⁷

7. O edital do Pibic passou por algumas mudanças. No edital de 2003, por exemplo, o quesito idade máxima desapareceu na última hora; até as vésperas da inscrição, o candidato podia ter idade máxima de 24 anos. No edital de 2004, esse

No processo de entrevista, a banca estava com a ficha de inscrição do candidato em mãos, com o histórico escolar e com a prova escrita (no caso da segunda seleção). Na ficha de inscrição, tínhamos as seguintes informações: 1) identificação pessoal; 2) autotranscrição racial, sem indução de categorias; 3) escolaridade e profissão do pai e da mãe; 4) situação de residência e com quantas pessoas morava; 5) renda familiar; 6) experiência atual ou passada no mercado de trabalho.

Tínhamos um roteiro de entrevista estruturado pelos seguintes tópicos:

- identidade racial (como se classifica? A partir de quando passou a se considerar negro? Como a família percebe a classificação racial?);
- participação em movimento social ou desempenho de trabalho voluntário;
- histórico da família (processo de mobilidade horizontal e vertical);
- relação entre o curso e relações raciais;
- interesse acadêmico em relações raciais;
- interesse na carreira acadêmica (mestrado).

A entrevista mostrou-se um mecanismo importante, permitindo verificar se o candidato sustentava a autotranscrição contida na ficha de inscrição. Serviu inclusive para saber se o candidato já tinha experienciado o “fardo” da cor, mesmo que não se nomeasse de negro. O objetivo era diferenciar o que Cidinha da Silva descreveu em recente texto de negro, negro de ocasião⁸ e negros emergentes⁹ (Silva, 2003).

quesito não apareceu, embora tenha havido rumores dentro da administração da universidade de que esse quesito apareceria, como uma imposição do CNPq.

8. Cidinha da Silva define os negros de ocasião como “aquelas pessoas oportunistas e/ou desonestas que se declararam negras com o fim exclusivo de conseguir uma vaga, cujo acesso não seria possível caso se declarassem brancas, morenas ou quase brancas, como fizeram a vida inteira” (Silva, 2003, p. 47).

9. Negros emergentes “São pessoas que ouviram falar sobre ações afirmativas e declararam ‘não sou branco, logo, posso ser negro’ [...]. São nordestinos, morenos, mestiços [...]. Estão descobrindo sua ascendência negra, porque ser negro(a) nestas ocasiões pode significar alguma coisa boa [...]. A identificação como negros emerge da potencialidade que isso passa a significar” (Silva, 2003, p. 60).

Mesmo que os editais de seleção tenham falado que o projeto se destinava a candidatos negros carentes (exceto o edital de seleção de assistentes de pesquisa da primeira turma, que utilizava o termo afro-descendente), quatro candidatos que foram selecionados utilizavam categorias que poderiam ser agrupadas no grupo pardo do IBGE. Sabemos que a categoria parda é um subgrupo da categoria negro, mas suspeitávamos que estes candidatos não sabiam disso, cabendo a nós perguntar o porquê de eles não se autotranscreverem como negros. E, por outro lado, sabendo que pardo é uma subcategoria de negro, não havia dúvida para nós que estes candidatos cumpriam o requisito do projeto. Essa experiência de entrevista foi uma oportunidade única do ponto de vista investigativo. Vejamos a Tabela 4:

Tabela 4 – Classificação Racial dos 45 alunos

Cor/Raça	Qtde.
Negro	38
Negra, afro-descendente	1
Negra, amarela, humana	1
Parda, negra	1
Moreno	1
Pardo	1
Mulato	1
Moreno-claro, afro-brasileiro	1

Importante assinalar que todas essas autotranscrições podem ser agrupadas na categoria negro. Ademais, levando em consideração os 27 candidatos que não foram selecionados, todos utilizaram categorias que poderiam ser agrupadas na categoria negro. Porém, três candidatos mostraram inconsistência classificatória, isto é, apesar de terem se autodeclarado negros, não foram percebidos pela banca de entrevista como tal.

O que foi decisivo para selecionar estes quatro candidatos, assim como os demais, foi o fato de eles carregarem, como falamos anteriormente, o “fardo” da cor, isto é, exibirem traços físicos que os tornavam vítimas em potencial do racismo direto ou do racismo institucional. Nesse sentido, é óbvio que alguns candidatos que se

identificaram como negros talvez não tenham feito isso ao longo de suas vidas; ao contrário, podem ter utilizado essa categoria somente no momento da seleção. Também é razoável pensarmos, por outro lado, que por um mecanismo de economia psíquica e emocional alguns candidatos não tenham se identificado como negros porque sabem o fardo que isso representa numa sociedade racista, o que não significa que esse ato de “fuga” autotranscritiva signifique que este ou aquele indivíduo tenha conseguido fugir do racismo.

O que é importante perceber em um processo seletivo como este é que construímos condições inéditas para uma auto e heterotranscrição positiva do negro na sociedade brasileira. Em uma situação como a que descrevemos, muitos brasileiros que utilizam subterfúgios classificatórios podem passar a se classificar como negros, em outras palavras, a bipolaridade do sistema classificatório, defendida pelo movimento negro e percebida pelos estudos estatísticos, pode se manifestar.

Outro aspecto importante a assinalar quando falamos do processo de entrevista é que esse mecanismo inibe fraudadores já no processo de inscrição e permite, por outro lado, desmontar as classificações veladas, isto é, de brancos que queiram se passar por negros e, até mesmo, de negros que não queiram se identificar como tais.

Nesse sentido, o processo seletivo do *Projeto Geração XXI do Geledés*,¹⁰ que opta por destinar o preenchimento das vagas de um programa de ação afirmativa aos

Negros(as) indubitavelmente negros(as) [...], pessoas que, como já dissemos, para além da autodeclaração e das características físicas, têm uma história de vida que as situa no quadro de heranças dos povos de origem africana espalhados pela diáspora, têm em comum os limites impostos pelo racismo nos aspectos culturais, políticos, educacionais, institucionais, enfim. (Silva, 2003, p. 60)

Essa experiência dos limites impostos pelo racismo, a meu ver, não é exclusividade daqueles

10. O Projeto Geração XXI sempre esteve nos servindo como guia, pelo fato de o professor Alessandro Ratts ter tido a experiência, em anos anteriores, de trabalhar nele.

brasileiros “indubitavelmente negros”, que jamais tiveram dúvida por se declararem negros, mas é também uma realidade para aqueles brasileiros que se ‘descobrem’ negros a partir da inscrição em um processo seletivo de ações afirmativas, por exemplo. Em outras palavras, devemos ampliar a nossa compreensão do funcionamento do preconceito e do racismo na nossa sociedade, que permite que brasileiros inquestionavelmente negros possam se classificar como moreno, pardo, mulato ou, até mesmo, negar uma classificação racial, haja vista as qualificações negativas que estão associadas aos negros. Aqui está o ponto: estes brasileiros que não utilizam o termo negro não necessariamente estão livres da discriminação. Portanto, defendemos que eles sejam alvo de políticas de ação afirmativa. Por exemplo, olhando a ficha de inscrição, estava nítido para a banca de seleção que a candidata que se autotranscreveu como *negra, amarela, humana* não fazia, na ocasião da seleção, parte daquelas brasileiras inquestionavelmente negras. Ao contrário, a maneira como ela preencheu a ficha de inscrição revelava que a possibilidade de se autotranscrever como negra e, principalmente, não ser punida por isso estava se oferecendo naquele momento. Dessa maneira, mesmo percebendo o “oportunismo” da candidata, não cabia sua eliminação sumária do processo seletivo. Quando fizemos a entrevista, ela, que tergiversava a respeito da sua classificação racial, mostrou-se tão “inquestionavelmente negra” quanto os demais candidatos que se declararam negros, tendo sofrido, ao longo da vida, limitações impostas pelo racismo. Em suma, essa candidata, que nas definições de Cidinha da Silva seria uma “negra emergente”, mostrou-se, em verdade, uma negra inquestionavelmente negra; portanto, uma candidata que cumpria todos os requisitos para fazer parte de um programa de ações afirmativas.

Trajetória de vida e no projeto

O objetivo principal do projeto era ampliar as possibilidades para que os bolsistas negros permanecessem na universidade, estimulando-os e preparando-os para concorrerem pelas bolsas que são oferecidas pela própria instituição. Ao longo das atividades, percebemos que o

projeto também era de acesso à pós-graduação por parte dos assistentes de pesquisa, alunos do último ano ou recém-formados.

Obviamente, a ampliação das chances de permanência na universidade por parte do bolsista ou de acesso à pós-graduação está associada a um projeto de ascensão social de alunos negros, ou seja, estamos interessados também na criação de possibilidades para que alunos negros ascendam socialmente e recusem o processo de branqueamento existente na sociedade brasileira. Nesse sentido, nos dois anos de existência financeira do projeto, elaboramos dois cursos estruturados em módulos,¹¹ nos quais estudamos temas pertinentes à questão racial. Uma das principais preocupações de alguns módulos foi a de desmontar e revelar o racismo contido no mito da democracia racial, que, entre outras coisas, pensa na possibilidade de ascensão social dos “descendentes de escravo” pela miscigenação. Ou seja, as possibilidades de mobilidade social para negros contidas no mito da democracia racial prefiguram que seja fundamental aos negros que deixem de ser negros, como explicitam Gilberto Freyre, no capítulo “Ascensão do bacharel e mulato”, de *Sobrados e mucambos*, e Carl Degler, na sua teoria da válvula de escape encontrada pelo mulato diante do racismo existente na sociedade brasileira (cf. Freyre, 1990 e Degler, 1976).

A trajetória escolar dos alunos do projeto, antes mesmo de ingressarem nele, já revela o potencial para a carreira acadêmica e para a superação dos obstáculos à ascensão social. Porém, era necessária a criação de condições efetivas para que esse potencial se tornasse

11. Os módulos do primeiro curso eram os seguintes: 1) Raça e Racismo; 2) Ação Afirmativa; 3) Negro e Educação no Brasil; 4) Corpo, Sexualidade e Sociedade; 5) Gênero na Demografia; 6) (Des)colonização da África; 7) Escravidão e Liberdade na América e Caribe; 8) Mídia e Racismo; 9) Educação para Igualdade; 10) Pensamento Social Brasileiro. O segundo curso manteve os principais módulos do primeiro, adicionando e desmembrando outros, ficando da seguinte maneira: 1) Raça e Racismo; 2) Ação Afirmativa; 3) Negro e Educação no Brasil; 4) Corpo, Sexualidade e Sociedade; 5) Escravidão e Liberdade na América e Caribe; 6) Raça e Gênero; 7) Feminismo em Goiás; 8) Poder e Prática Simbólica; 9) Irmandade de Negros em Goiás; 10) Relações Raciais no Caribe; 11) África (Guiné-Bissau, Cabo Verde e Moçambique); 12) Movimento Negro em Goiânia; 13) Pensamento Social Brasileiro; 14) Negro e Literatura (Lima Barreto); 15) Trilhas Musicais do Atlântico Negro, e 16) Filmes Etnográficos.

realidade. Essa dimensão da subjetividade do aluno disposto a conquistar e aproveitar as oportunidades de mobilidade social já estava dada, uma vez que eles já se encontravam na universidade, apesar de oriundos de famílias, em sua maioria absoluta, moradoras de bairros periféricos de Goiânia, filhos de pais e mães com baixa escolaridade e com ocupações em sua maioria pertencentes aos estratos baixo-superior e médio-inferior da nossa sociedade, como veremos a seguir. Assim, os bolsistas do projeto Passagem do Meio representam o que Bourdieu denominou de “milagrosos”, os quais, apesar da origem social e de ter frequentado escolas de ensino fundamental e médio deficitárias em comparação com escolas “especializadas” em preparar alunos para a universidade, tinham conseguido nela ingressar.

Os estudos de mobilidade social desenvolvidos por Nelson do Valle Silva e José Pastore apresentam seis estratos ocupacionais que conjugam nível educacional e nível de rendimento

dos indivíduos, os quais adotamos para a análise do Projeto Passagem do Meio (Tabela 5).

Os pais e mães dos estudantes do Projeto Passagem do Meio desempenhavam as seguintes profissões (Tabela 6), tinham o seguinte nível de escolaridade (Tabela 7) e auferiam os seguintes rendimentos (Tabela 8).

A escolaridade dos pais e mães dos estudantes do projeto é a seguinte: 9 são analfabetos; 41 têm até 8 anos de estudos; 25, entre 8 e 11 anos de estudos; 8, mais de 11 anos de estudos, conforme Tabela 7.

Quanto ao rendimento familiar, devemos observar o seguinte: 7 estudantes do projeto residiam na Casa do Estudante Universitário. Portanto, ao invés de 21 núcleos familiares possuírem rendimento até 500 reais, na verdade 15 núcleos familiares estavam nesta faixa e o estudante do projeto que declarou não ter rendimentos, em verdade, era um aluno voluntário que residia também na Casa do Estudante, vivendo de rendimentos incertos (Tabela 8).

Tabela 5 – Estratos e ocupações representativas

Estrato	Ocupações Representativas
1 - Baixo-inferior : trabalhadores rurais não qualificados	Produtores agropecuários autônomos; outros trabalhadores na agropecuária; pescadores.
2 - Baixo-superior : Trabalhadores urbanos não qualificados	Comerciantes por conta própria; vigias; serventes; trabalhadores braçais sem especialização; vendedores ambulantes; empregadas domésticas.
3 - Médio-inferior : trabalhadores qualificados e semiqualificados	Motoristas, pedreiros; mecânicos de veículos; marceneiros; carpinteiros; pintores e caiadores; soldados; eletricitas de instalações.
4 - Médio-médio : trabalhadores não-manuais, profissionais de nível baixo e pequenos proprietários	Pequenos proprietários na agricultura; administradores e gerentes na agropecuária; auxiliares administrativos e de escritório; reparadores de equipamento; praticistas e viajantes comerciais; praças das Forças Armadas.
5 - Médio-superior : Profissionais de nível médio e médios proprietários	Criadores de gado bovino; diretores; assessores e chefes no serviço público; administradores e gerentes na indústria e no comércio; chefes e encarregados de seção; representantes comerciais.
6 - Alto : profissionais de nível superior e grandes proprietários	Empresários na indústria; administradores e gerentes de empresas financeiras, imobiliárias e securitárias; engenheiros; médicos; contadores; professores de ensino superior; advogados; oficiais das Forças Armadas.

Fonte: Pastore & Valle Silva, 2000.

Tabela 6 – Profissão dos Pais e Mães

Pai	Qtde.	Mãe	Qtde.
Pedreiro/pintor predial/eletricista	6	Dona de casa	10
Lavrador	3	Trabalhadora doméstica/lavadeira	7
Motorista/taxista/caminhoneiro	3	Serviços gerais/merendeira de colégio público	4
Mecânico	2	Costureira	3
Vigilante	1	Auxiliar e técnico em enfermagem/agente de saúde	5
Camelô, sacoleiro	2	Vendedora/comerciária	3
Representante comercial	1	Professora	3
Funcionário público	1	Auxiliar de escritório	1
Gerente administrativo	1	Assistente social	1
Técnico em raio X/Téc. laboratório	2	Advogada (não exerce)	1
Fiscal de trânsito	1	Taquigrafa	1
Técnico agrônomo, agrimensor	2	Estudante	1
Desempregado	4	Falecida	3
Aposentado	6	Aposentada	2
Falecido	4	-----	----
Não respondeu/Desconhecido	6	-----	----
Total	45	Total	45

Tabela 7 – Escolaridade dos Pais e Mães

Escolaridade	Pai	Mãe
Analfabeto	6	3
Fundamental incompleto	13	16
Fundamental completo	5	9
Médio incompleto	4	2
Médio completo	10	9
Superior incompleto	1	1
Superior completo	2	4
Não sabe/não respondeu	4	1
Total	45	45

Tabela 8 – Renda Familiar

Sem renda	1
Até R\$ 500,00	21
R\$ 501,00 - R\$ 1.000,00	16
R\$ 1001,00 - R\$ 1.500,00	4
R\$ 1.501,00 - R\$ 2.000,00	1
Mais de R\$ 2.000,00	2

estudantes seria provisório. Todavia, pelos dados de que dispomos, é possível ter uma noção do quanto esses alunos já haviam ascendido pelo simples fato de estarem na universidade.

Fazendo a fusão entre a realidade dos estudantes do Passagem do Meio e o quadro de ocupações de Valle Silva e Pastore, teríamos o seguinte. Do total de 45 pais, 20 se encontravam fora de atividades acumulativas em função do desemprego (4), aposentadoria (6), falecimento

(4) ou por serem desconhecidos (6); portanto, os 25 pais que estavam em alguma atividade acumulativa se distribuíam da seguinte maneira: 3 pertenciam a ocupações do estrato baixo-inferior, 3 do baixo-superior, 13 do médio-inferior e 6 do médio-superior. Portanto, a maioria dos pais dos estudantes do Projeto encontrava-se em ocupações que exigiam baixa qualificação e, conseqüentemente, auferiam um baixo salário.

Já a situação das mães dos estudantes, no que diz respeito aos estratos ocupacionais, era a seguinte. Das 45 mães, 17 estavam fora de atividades acumulativas: 11 eram donas de casa, sendo 1 delas uma advogada que não exercia a profissão; 1 era estudante, 3 eram falecidas e 2 já estavam aposentadas. Das 28 restantes, 17 desempenhavam profissões pertencentes ao estrato baixo-superior, 7 desempenhavam profissões do médio-médio e 4 do médio-superior. Assim como os pais, as mães dos estudantes do projeto que participavam de atividades acumulativas estavam em ocupações que exigem baixa qualificação; porém, 11 delas – comparadas a 6 pais – estavam em ocupações que exigem um pouco mais de qualificação (estratos médio-médio e médio-superior). Além disso, é importante assinalar o seguinte: o número significativo de estudantes filhos de trabalhadoras domésticas (7) e de mulheres que desempenhavam serviços gerais (4), praticamente atividades de limpeza e faxina em ambientes não-domésticos. Vejamos uma tabela que pode sintetizar o que estamos dizendo (Tabela 9):

Pelos dados expostos, fica evidente que os integrantes do projeto são alunos oriundos de famílias carentes financeiramente, conforme

Tabela 9 – Estrato Ocupacional – Pai/Mãe dos estudantes

Estrato	Pai	Mãe	Pai/Mãe
Baixo-inferior	3	0	3
Baixo-superior	3	17	20
Médio-inferior	13	0	13
Médio-médio	0	7	7
Médio-superior	6	4	10
Alto	0	0	0
Total	25	28	53

especificava o edital do concurso. Mais ainda, o fato de esses estudantes estarem na universidade revela que suas trajetórias de vida demonstram a superação das adversidades e que eles, em sua maioria, são os primeiros de suas famílias a chegarem à universidade. Essa trajetória marcada por pequenas vitórias é diferenciada em relação à trajetória de alunos brancos pertencentes às famílias do estrato médio-superior e alto. Uma das principais diferenças reside no fato de que os estudantes vinculados ao projeto, representativos da pequena população negra que ingressa na universidade, tiveram uma experiência no mercado de trabalho anterior à chegada no projeto ou tinham na ocasião da inscrição para a seleção.

Na ocasião de inscrição para a seleção no projeto, 18 estudantes já trabalhavam, conciliando vida acadêmica com uma atividade profissional (Tabela 10). Dos ocupados com docência, 4 eram professores da rede estadual com contrato temporário (pró-labore) e 1 dava aulas particulares; das 2 bolsistas, uma era bolsista de extensão (Proec)¹² da universidade, desempenhando trabalhos na biblioteca, e outra exercia uma função técnica no Laboratório de Geografia Física, em virtude de sua qualificação no ensino médio (técnica em agrimensura); 4 desempenhavam funções de secretárias ou auxiliares administrativas; 3 trabalhavam com comércio; 1 era técnica em mecânica e outra, agente de saúde. Dos 4 bolsistas que trabalhavam como professores da rede estadual por meio de um contrato temporário, todos passaram a desempenhar a função de assistentes de pesquisa e as 2 bolsistas (Proec e Laboratório de Geografia) também assumiram essa mesma função. Os estudantes do projeto que estavam inseridos precariamente em atividades de docência eram recém-formados ou alunos do último ano do curso de graduação.

12. A bolsa de extensão (Proec) é de pouco valor, atualmente 120 reais. Essa bolsa dificilmente envolve alunos em atividades de pesquisa ou de estudo. O bolsista, em verdade, é envolvido em atividades administrativas (por exemplo, ser secretário de algum curso ou atividade de extensão) ou atendimento ao público (auxiliar funcionários da biblioteca). Por isso, consideramos adequado preparar a aluna, que era do último período da graduação, para seleções dos programas de mestrado.

Tabela 10 – Estudantes ocupados no mercado de trabalho na ocasião da inscrição para a seleção do projeto

Ocupação	Qtde
Docência	5
Bolsista	2
Secretária/Aux. administrativo	4
Órgão público	2
Feirante/vendedora/balconista	3
Téc. mecânica	1
Agente de saúde	1
Total	18

Considerando os estudantes que já tinham experiência no mercado de trabalho antes de se inscreverem para participarem da seleção do projeto, 26 haviam trabalhado em ocupações que pouco tinham a ver com a vida universitária. Muitos destes já tinham exercido mais de uma atividade, conforme podemos ver a seguir (Tabela 11).

Portanto, a trajetória dos passageiros, como eram carinhosamente chamados, é marcada por uma origem em famílias pertencentes, em sua maioria, ao estrato ocupacional baixo-superior e médio-inferior; com pais e mães, em sua maioria, com escolaridade inferior a oito anos de estudo; com rendimentos abaixo de mil reais, incluindo sete estudantes que residiam sozinhos, na Casa do Estudante Universitário (alojamento estudantil), conforme mencionamos anteriormente. Além disso, estes jovens eram, em geral, os primeiros de suas famílias a chegarem à universidade. Vale a pena destacar que, mesmo diante das adversidades próprias desta realidade, estes alunos já tinham o *mérito de trajetória* por terem entrado na universidade, isto é, o mérito que se computa durante a vida escolar dos estudantes, levando em consideração as facilidades e dificuldades dos alunos para concluir seus estudos (cf. Santos, 2003, p. 114). Prova disso é o fato de que 26 deles tiveram que conciliar a vida escolar de ensino médio e uma atividade profissional ou, até mesmo, fizeram uma pausa entre o término do ensino médio e o ingresso na universidade. Mais ainda,

das 45 atividades que estes 26 alunos desempenharam (exceto as atividades de agrimensor, desenhista, arquivista e bolsista e/ou estagiário da Funape – totalizando sete atividades), todas as demais pouco contribuíam para a vida acadêmica destes alunos do ponto de vista de aprendizado de matérias para ingresso na universidade; porém, tornaram-nos mais maduros.

O Projeto Passagem do Meio, durante seus dois primeiros anos, estimulou e criou condições para que os alunos fossem contemplados com bolsas de estudo e pesquisa que são oferecidas para estudantes de graduação ou para que ingressassem na pós-graduação. Assim, o nosso esforço pode ser pensado em termos das categorias sociológicas *projeto* e *campos de possibilidade*:

Projeto [...] é a conduta organizada para atingir finalidades específicas. Para lidar com o possível viés racionalista, com ênfase na consciência individual, auxilia-nos a noção de campo de

Tabela 11 – Ocupação no mercado de trabalho anterior à inscrição no projeto

Ocupação	Qtde
Monitora de cursinho	1
Office-boy/motoboy	5
Caixa, vendedora/Loja	8
Gráfica, aux. produção, serviços gerais	4
Aux. enfermagem	1
Secretária, aux. escritório e administrativo, técnico	9
Operador de micro	2
McDonalds	1
Telemarketing	1
Bolsista (Funape)/Estágio	4
Agrimensora	1
Doméstica	2
Desenhista	1
Arquivista	1
Monitor de empresa de segurança	2
Total	26*

possibilidades como dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de Projetos. Assim, evitando um voluntarismo individualista agonístico ou um determinismo sociocultural rígido, as noções de projeto e campo de possibilidades podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades. (Velho, 1994, p. 40)

O principal trabalho do Projeto Passagem do Meio com jovens que já tinham demonstrado o *mérito de trajetória* e também o mérito de chegada, posto que já tinham entrado na universidade, consistiu em orientá-los para as oportunidades existentes dentro da própria instituição, ou seja, auxiliámo-los a construírem seus projetos individuais criando as oportunidades para que eles pudessem ser implementados. Esse trabalho de orientação consistiu basicamente em demonstrar o funcionamento da universidade, sobretudo no que diz respeito a como fazer para estar apto a concorrer pelas bolsas que são oferecidas pela instituição e como estar apto, também, para o ingresso na pós-graduação, ocasião em que foi enfatizada a importância de ter boas notas. Vejamos a percepção dos próprios estudantes a este respeito:¹³

Se eu não estivesse no Passagem do Meio provavelmente eu não teria tempo de ter feito o meu subprojeto para participar desta seleção (Pibic). Isso a gente não pode esquecer [...]; as coisas mais palpáveis do passagem foram estas: essa possibilidade de ter estudado mais e ter feito o subprojeto para concorrer ao Pibic. (Aluno do curso de História)

A minha vinda para o Passagem veio sedimentar o que antes eu tinha apenas como esboço sobre o que eu queria e não tinha como procurar. No ano passado não sabia o que fazer, porque eu estava prestes a concluir o meu curso e não sabia o que fazer, principalmente, na Faculdade de Letras, onde as pessoas não falam sobre esse assunto em si – ‘vai fazer isso, vai procurar isto’ [...]. O enriquecimento que eu tive foi muito grande... cresci muito mesmo. As

minhas perspectivas estão sendo voltadas para o que eu quero fazer daqui pela frente. (Aluna do curso de Letras)

A gente está concorrendo à bolsa do Pibic, uma experiência muito importante. Se não fosse o Passagem, acho que talvez eu nem pensaria em participar..., talvez, pela baixa-estima. (Estudante do curso de Geografia)

[...] mas o Passagem do Meio pra mim tem sido tudo de bom, veio para somar na minha vida, na minha vida acadêmica, me ajudou a definir os caminhos e me dar força para eu lutar para eu conseguir chegar onde eu quero, inclusive hoje em dia a minha relação com professores, [a minha possibilidade de fazer] mestrado está bastante forte, pelo menos aqui em Goiânia eu acho que uma bolsa de mestrado eu consigo quase com certeza. (Aluno do curso de Filosofia)

O Projeto está me dando uma direção [...]. Eu já tenho idéias assim, idéias relacionadas a isso que eu estudo agora, idéias que eu vou poder melhorar. Eu discuti com uma professora o caso de fracasso escolar [...] eu acho que isso pra mim é muito importante... Hoje, eu penso em fazer mestrado, penso em fazer doutorado, eu não penso em parar de estudar nunca. Estudar para estar formando gente. (Aluna 1 do curso de Pedagogia)

Falando do desempenho acadêmico, o 1º ano é o bicho-papão pra todo mundo que ingressa na universidade, comigo não foi diferente não. Quando eu cheguei, eu vi que não era nada daquilo que eu esperava, depois que eu entrei no Passagem no ano passado, eu estava olhando as minhas notas e vi que o meu desempenho melhorou 100%. (Aluna 2 do curso de Pedagogia)

Ao cabo das atividades destes dois anos de existência do projeto, tivemos como resultado o seguinte (conferir Tabela 12):¹⁴

- 28 estudantes estão envolvidos em atividades de pesquisa e estudo, dos quais 19 recebem remuneração por isso (PET, Pibic,

13. Depoimentos colhidos em uma reunião coletiva, em maio de 2004, quando fizemos uma avaliação do Passagem do Meio junto aos estudantes.

14. Este diagnóstico refere-se a setembro de 2004, quando este texto foi escrito.

Prolicen, monitoria, mestrado, estágio),¹⁵ 8 estão em atividades de pesquisa voluntária (Pivic,¹⁶ aluno especial do mestrado, pesquisa voluntária),¹⁷ e 1 conseguiu isenção das mensalidades do curso de Especialização em Políticas Públicas,¹⁸ oferecido pela UFG. Consideramos que esses estudantes, apesar de alguns não perceberem nenhum tipo de remuneração, conseguiram implementar os seus projetos de inserção qualificada na universidade. Mais ainda, conseguiram construir um horizonte que permite ver e atribuir sentido à carreira acadêmica;

• 5 bolsistas estão envolvidos em atividade de docência (aulas particulares, contratos temporários junto a escolas privadas e públicas de ensino fundamental e médio). A opção por essas atividades pode ser entendida como uma opção por não se distanciar das atividades acadêmicas; porém, não envolve o desenvolvimento de pesquisas. De qualquer modo, pressupõe preparação de aulas, articulação do raciocínio, perda da timidez para falar em público, o que futuramente pode representar um aspecto positivo para a vida acadêmica. De qualquer forma, esses alunos tiveram de se envolver com o mundo do trabalho pre-

cidente, deixando de lado uma preparação mais esmerada para a vida acadêmica;

• 2 bolsistas foram aprovados em concursos públicos, tornado-se alunos que nomeamos “estudante tempo parcial”, os quais dificilmente farão da vida universitária uma carreira;

• 3 alunos, que são do último ano dos seus respectivos cursos de graduação, pretendem fazer a seleção para a pós-graduação num futuro próximo, ou seja, apesar de o resultado ser incerto *a priori*, o importante a assinalar é que esses alunos construíram um projeto de carreira acadêmica, que pode vir a se tornar realidade;

• 4 estudantes se distanciaram das atividades do projeto, tão logo este findou suas atividades financeiras. Por esse motivo, não temos notícias sobre eles;

• 3 estudantes foram desligados (ou se desligaram) do projeto quando este ainda mantinha as suas atividades financeiras, pelos seguintes motivos: um casou-se e precisou de uma atividade financeira mais estável; outra ficou grávida e trancou a matrícula do curso na universidade, logo, não poderia continuar no projeto, e a terceira desligou-se da vida acadêmica por razões existenciais;

• 1 aluna empregou-se como babá e se dedicou irregularmente à atividade de pesquisa.

O trabalho de orientação do Passagem do Meio não se restringiu somente ao incentivo para que os alunos adquirissem boas notas e, conseqüentemente, estivessem aptos a concorrerem pelas bolsas de graduação e pós-graduação. Mais do que isso, procuramos desenvolver nos passageiros uma cultura de estudo, uma relação mais próxima com a universidade, para além das atividades de sala de aula. Além disso, estes estudantes desenvolveram uma responsabilidade cívica que pode ser mensurada pelo envolvimento deles em movimentos sociais ou, até mesmo, pela criação, por iniciativa deles, de um coletivo de alunos negros na UFG, uma organização de alunos para estudar assuntos pertinentes às ações afirmativas e, principalmente, para demandar a implementação dessas medidas

15. Uma aluna do curso de Comunicação e uma do curso de Biblioteconomia foram indicadas para estágio na Secretaria de Comunicação do Município de Goiânia; ambos os estágios têm sido avaliados por elas mesmas como muito importantes para a carreira profissional e acadêmica. Ademais, o estágio é algo previsto nestes dois cursos. A terceira aluna é do curso de Pedagogia e está desenvolvendo atividades junto à educação infantil no Sesi; este estágio também é visto por ela como de grande proveito para a sua formação.

16. Programa Institucional de Voluntários em Iniciação Científica. Trata-se de um programa com regras semelhantes ao Pibic, porém se diferencia deste por não ter remuneração. É um programa, juntamente com o Pibic, cadastrado na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG).

17. Pesquisa voluntária junto a professores do projeto, diferencia-se do Pivic por não ter um cadastro junto ao órgão da universidade responsável pelo registro destas informações, a PRPPG. Todos estes alunos apresentaram trabalho – resultados parciais de suas pesquisas – no III Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros em São Luís (MA), ocorrido entre os dias 6 e 10 de setembro de 2004.

18. O Passagem do Meio, em 2002, fez um acordo com o Programa de Políticas Públicas do Departamento de Ciências Sociais e conquistou a isenção de taxas para dois alunos encaminhados pelo projeto em 2002 e 2003.

Tabela 12 – Realizações no (do) projeto

Especificação	Qtde	Status
PET (remunerado)	1	Bolsa
Pibic	5	Bolsa
Pivic	3	Sem bolsa
Prolicen	5	Bolsa
Monitoria	2	Bolsa
Mestrado	3	Bolsa
Mestrado (aluno especial)	1	Sem bolsa
Políticas públicas	1	Isenção de taxa
Pesquisa voluntária	4	Sem bolsa
Estágio Secom/Sesi	3	Remunerado
Docência (aulas particulares, prof. fundamental e médio)	5	----
Concurso público	2	----
Pretende fazer a seleção do mestrado	3	----
Não obtiveram resultados/sem notícias	4	----
Desligados	3	----
Babá (emprego doméstico/pesq. voluntária)	1	----
Total	46*	----

* No primeiro ano do projeto, uma aluna foi contemplada com uma bolsa do Pibic e, no segundo ano, esta mesma aluna foi indicada para um estágio na Secretaria de Comunicação do Município de Goiânia (Secom).

na UFG. Outro aspecto que merece menção é o aumento da auto-estima e o surgimento de uma consciência política entre eles; vejamos os depoimentos:¹⁹

Cresceu muito a auto-estima e o crescimento teórico que veio junto [...]. Eu falo de novo que a partir do momento que você tem uma auto-estima mais bem trabalhada, tem confiança em você mesmo, o resto todo é consequência. O principal do projeto foi sedimentar isso. (Aluno do curso de História)

Eu sempre olhei no espelho e vi que eu era negra. Mas nada além disso, nada de uma consciência negra. Acho que o projeto serviu para isso, para me mostrar isso, que eu sou negra não só fisicamente, mas que eu tenho que pensar como negra, agir como negra. Se eu sou estes 2% na universidade, se eu sou estes

2%, tão pouco, então, se eu não agir como tal, se não agir como negra, o que vai mudar? O projeto passou isso desta consciência. (Aluna do curso de Ciências Sociais)

Considerando a origem socioeconômica e a trajetória escolar dos estudantes, os resultados obtidos pelo Passagem do Meio são bastante satisfatórios. Todavia, a opção ou o “destino” de alguns deles nos chama a atenção: alguns vivem na “corda bamba” do ponto de vista econômico, porque bastou o projeto encerrar a sua atividade financeira para que se lançassem no mercado de trabalho; outros se desligaram – exceto a bolsista que o fez por razões existenciais – por força também da necessidade financeira, e o caso mais crítico é o da aluna que, após o término da bolsa de estudo oferecida pelo Passagem do Meio, vislumbrou apenas como alternativa de inserção no mercado o trabalho doméstico. Além disso, 4 ex-bolsistas simplesmente não nos deram notícias a respeito do seu destino

19. Depoimentos colhidos na supracitada reunião de avaliação do projeto.

após o pagamento da derradeira bolsa de estudo. O caso desses 8 alunos, considerados extremamente previsíveis diante da realidade vivida pelos estudantes negros que entram nas universidades públicas brasileiras, serve como instrumento de reflexão. Por ora, ao que me parece em um primeiro momento, a resposta talvez possa ser encontrada no (des)equilíbrio entre esforço pessoal e condições institucionais ou, se preferirmos, entre projetos e campos de possibilidade, que jamais podem ser compreendidos na sua inteireza no curto espaço de um projeto de dois anos, mas somente pode ser entendido à luz da vida de cada um dos participantes.

Considerações finais

A coordenação do Projeto Passagem do Meio permitiu uma vivência no dia-a-dia com as dificuldades e facilidades da universidade brasileira, assim como possibilitou também ter uma noção dos obstáculos e das viabilidades de um programa de ação afirmativa nas instituições de ensino superior. Certamente, o saldo é positivo após dois anos de atividades, o que não significa que o projeto não tenha tido falhas e incompletudes.²⁰

Como foi assinalado anteriormente, o principal objetivo do projeto era preparar os estudantes para as bolsas de pesquisa que são oferecidas pelas próprias instituições de ensino superior. Portanto, o nosso principal objetivo, no âmbito da graduação, foi o de candidatar alunos para o Pibic, Prolicen, PET e monitoria e incentivá-los a ingressar também na pós-graduação.

Afora as vicissitudes da política científica da UFG²¹ – decorrentes da redução do orçamento por parte do governo federal –, ficou evidente que a escolha por parte dos professores

de candidatos às supracitadas bolsas não se baseia inteiramente em critérios impessoais, de mérito. Em verdade, existe no interior das universidades públicas brasileiras um sistema de relações altamente pessoal. Constatação semelhante foi feita por José Jorge Carvalho ao falar do sistema de pós-graduação. Diz o autor:

A rede de pesquisa é uma espécie de supra-rede da elite da rede de professores universitários, que vão indicando seus “melhores talentos” (por sua vez recrutados da rede dos estudantes de pós-graduação) para irem formando os centros de pesquisa. (Carvalho, 2003, p. 171)

Esta rede à qual se refere Carvalho é, em parte, formada na graduação nos primeiros anos de vida universitária de jovens futuros pesquisadores. São raros os professores que selecionam seus futuros bolsistas (Pibic e Prolicen)²² e monitores por critérios impessoais. Em geral, essa seleção é feita por convite, que pressupõe que os alunos tenham boas notas e não tenham sido reprovados. Obviamente, os estudantes selecionados para se candidatar não são os únicos que dispõem de boas notas, havendo um grande número que poderia “cair nas graças” dos professores. Então, devemos questionar: por que alguns estudantes não são selecionados para se candidatar às bolsas?

Parte da resposta a esta pergunta pode ser entendida pela noção de capital cultural e parte pelo conceito de competência indefinida. A idéia de capital cultural remete a Bourdieu (1987) e se refere à posse não somente de bens culturais, mas sobretudo a de códigos que permitem a decifração e a apreensão de certos bens simbólicos definidos socialmente como prestigiados. Portanto, o que muitas vezes está em jogo na escolha de um aluno para se candidatar à seleção de uma bolsa na universidade não é somente o fato de ter boas notas, mas de dispor de um código de decifração e apreensão de bens culturais e simbólicos que é interiorizado ao longo de toda vida e não é, muitas vezes, apreendido

20. Uma das incompletudes mais patentes do projeto foi a inexistência de um curso de línguas (inglês) para os alunos. Esse curso foi previsto no início do projeto, porém foi suspenso por restrições orçamentárias. Esse aspecto foi assinalado pelos estudantes Costa, Kênia Gonçalves & Urany, Alirio Melo (2004).

21. A modificação mais contundente no que diz respeito ao Pibic foi a redução do número de candidatos que cada professor poderia apresentar. Enquanto no primeiro ano (2003) cada docente pôde apresentar dois candidatos, no segundo ano do projeto (2004), esse número se limitou a um.

22. A seleção para o PET aparentemente é a mais “impessoal” de todas, havendo uma prova a ser feita por todos os candidatos e podendo se inscrever qualquer aluno, desde que cumpra os requisitos estipulados, os quais variam de seleção para seleção.

no sistema escolar *strictu sensu*. Portanto, os mecanismos de seleção existentes dentro das universidades brasileiras, que se querem pensar como neutros, pressupõem uma desigualdade entre aqueles que dominam certos códigos valorizados e aqueles que não os dominam, embora estes últimos possam exibir algumas características imprescindíveis e fundamentais para a carreira acadêmica e pesquisa, como: dedicação, perseverança, compromisso, interesse; aspectos estes que podem compensar a deficiência de outros. Esta também é a percepção de Carvalho, no que diz respeito à pós-graduação:

No caso dos alunos(as) de pós-graduação, a competitividade coloca os estudantes negros(as) sob uma pressão constante devido a uma carência de capital cultural específico, o que conduz a uma exclusão simbólica de graves conseqüências para o seu desempenho. Muitas vezes, ainda que perfeitamente capacitados nos conteúdos temáticos, os estudantes negros(as) não dominam o código lingüístico paradisciplinar que abre portas [...]. Um estudante negro(a) às vezes não sabe como seduzir intelectualmente o professor branco com alguma história que possa interessá-lo, simplesmente porque não compartilha do universo social e simbólico em que se movem os brancos universitários. Espera-se dos negros(as) uma linguagem que desconhecem e que não sabem como aprender: a linguagem dos brancos acadêmicos. (Carvalho, 2003, p. 185)

Outra noção que nos permite entender as razões por que alguns alunos não são selecionados para concorrer às bolsas é o conceito de competência indefinida, desenvolvido por Moss & Tilly (1996) e utilizado em estudos sobre a empregabilidade. Esses autores realizaram uma pesquisa com 56 empregadores em Los Angeles e Detroit, nos setores de manufatura de autopeças, varejista de vestuários, de seguros e público. A pergunta central desses pesquisadores era saber qual a competência exigida para a contratação de trabalhadores para empresas desses setores. Moss e Tilly descobriram que o que era decisivo para a definição de quem deveria ser contratado não era a competência definida, mensurada, por exemplo, por certificados, uma vez que diversos candida-

tos tinham competências definidas semelhantes, mas a competência indefinida, entendida como “coisas como comunicação e competências pessoais, capacidade de trabalhar em equipe, aparência, motivação, flexibilidade, iniciativa e aspectos gerais das atitudes e dedicação ao trabalho” (Moss & Tilly, 1996, p. 56). A tese dos autores é de que as competências indefinidas são culturalmente definidas e sofrem uma injunção racial tanto entre aqueles que a têm quanto entre aqueles que as têm. A constatação dos autores é a de que os empregadores alimentam alguns estereótipos raciais que colocam a população negra em desvantagem.

No nosso caso específico – seleção de alguns estudantes por professores para concorrerem às bolsas de graduação –, o que muitas vezes é decisivo para a seleção do aluno não é a nota, mas a capacidade de se comunicar e participar das aulas, de se relacionar com professores, ou seja, o domínio de um código lingüístico paradisciplinar fundamental para seduzir um professor, como menciona Carvalho. E esse código estará mais presente entre aqueles que, ao longo de toda a vida – para além do ensino formal –, tiveram a oportunidade de acumulá-lo em função da proximidade da sua formação familiar ou circunstâncias da vida (do bairro onde se criaram, da escola que freqüentaram, da disponibilidade de ‘bens culturais’) à formação esperada na universidade.

Portanto, capital cultural e competência indefinida são muitas vezes fundamentais para a escolha de alguns alunos para serem indicados à seleção das bolsas que são oferecidas pelas universidades. Se, por um lado, os alunos negros carecem de um capital cultural que os professores demandam – mesmo que inconscientemente –, por outro, muitas vezes são caracterizados pela timidez, que os torna invisíveis no “mar de alunos de graduação”.

Diante desse mecanismo existente nas universidades brasileiras, é que ampliamos a demanda por ações afirmativas no interior delas, as quais não devem se restringir ao acesso, mas contemplar a permanência.²³

23. Em dezembro de 2002, colaboramos com o histórico Encontro dos Neabs, na UnB, que fez parte do I Fórum Diversidade na Universidade, promovido pelo MEC. Entre as propostas que encaminhamos para o ministério, solicita-

O Projeto Passagem do Meio foi uma experiência rica em termos de elaboração e implementação de um projeto de ações afirmativas para estudantes negros, mas também mostrou algumas das dificuldades e alcances desse tipo de política. Mas, antes de tudo, a metáfora contida no nome desse projeto traz para a realidade das universidades brasileiras tanto o sofrimento e o dilema vividos pelos alunos negros, os quais chegam à universidade exibindo uma trajetória diferenciada em relação aos demais estudantes, quanto a redenção que pode ser encontrada nas instituições de ensino superior brasileiras que adotarem políticas sensíveis à raça.

Abstract: The present paper is a report of the Middle Passage Project (Projeto Passagem do Meio), which was developed between 2002 and 2004 at the Federal University of Goiás. The text is a description of an affirmative action project for black students that integrated a network of projects named Programa Políticas da Cor na Educação Brasileira (Color Policies Program in Brazilian Education), a part of the Public Policies Laboratory at the State University of Rio de Janeiro. In this text, we describe (a) how this project was conceived, (b) how the black students were selected for the project, (c) the students' achievements, (d) the difficulties faced by the project and by the students, and (e) the project's outcomes.

Key-words: affirmative action; public university; black students.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

CARVALHO, José Jorge. Ação afirmativa para negros(as) na pós-graduação, nas bolsas de pesquisa e nos concursos para professores(as) universitários como resposta ao racismo acadêmico. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e SILVÉRIO, Valter Roberto. (Orgs.). *Educação e ações afirmativas*. Brasília: Inep, 2003a. p. 161-190.

_____. Ações afirmativas para negros(as) e índios no ensino superior: as propostas dos Neabs.

mos que as ações afirmativas a serem implementadas nas universidades devem incluir bolsas dos programas de formação e pesquisa, tais como o Pibic, o PET e outros. Um relato desse encontro foi feito pelo professor José Jorge de Carvalho (cf. Carvalho, 2003b, p. 65).

Universidade e sociedade/Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior, ano XII, n. 29, março de 2003, p. 61-67, Brasília/DF.

CARVALHO, José Murilo. Cidadania a porrete. In: *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 307-9.

COSTA, Kênia Gonçalves; URANY, Alírio Melo. Perspectivas e sonhos no coração do Brasil: efeitos e desdobramentos do Projeto Passagem do Meio. Paper apresentado no GT Ações Afirmativas: acesso, permanência, sucesso do III Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negro. São Luís – MA, 6-10 de setembro de 2004.

DEGLER, Carl. *Nem preto, nem branco: escravidão e relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Livro, 1976.

DIEDRICH, Maria; GATES JR., Henry Louis; PEDERSEN, Carl. (Eds.). *Black imagination and the Middle Passage*. Oxford/New York: Oxford University Press, 1999.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1990 [1936].

MOSS, Philip; TILLY, Chris. Competência 'indefinida' e raça: uma investigação sobre os problemas de emprego dos homens negros. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 29, p. 55-84. Rio de Janeiro, 1996.

PASSAGEM DO MEIO. Folder de divulgação da seleção da primeira turma, 2002.

PASSAGEM DO MEIO. Folder de divulgação da seleção da primeira turma, 2003.

PASTORE, José; VALLE SILVA, Nelson. *Mobilidade social no Brasil*. São Paulo: Makron Books, 2000.

PROGRAMA POLÍTICAS DA COR NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA. Edital de Seleção, 2001.

SANTOS, Sales Augusto dos. Ação afirmativa e mérito individual. In: SANTOS, Renato Emerson dos; LOBATO, Fátima. (Orgs.). *Ações afirmativas: políticas públicas contra as desigualdades raciais*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003. p. 83-125. (Coleção Políticas da Cor).

SILVA, Cidinha da. (Org.). *Ações afirmativas em educação: experiências brasileiras*. São Paulo: Summus/Selo Negro edições, 2003.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1994.